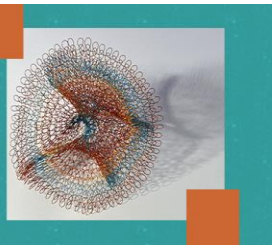
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 61
SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 61
AÇÃO E FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA O EDUCAR E O FAZER EM ARTE



A ARTE COMO ESTRATÉGIA PARA ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA E DO SENSO CRÍTICO NA UNIVERSIDADE

ART AS A STRATEGY TO STIMULATE THE DEVELOPMENT OF AUTONOMY AND CRITICAL THINKING IN THE UNIVERSITY

Lucia Nayara Frota Menezes
Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza/CE, Brasil

Rita Helena Sousa Ferreira Gomes
Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza/CE, Brasil

Resumo: Parte-se da ideia de que a arte pode ser utilizada no desenvolvimento da autonomia e do senso crítico do estudante universitário. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica articulando educadores como: Paulo Freire, Susan O'Neill e Augusto Boal com o contexto da arte na educação das universidades. No levantamento realizado pouco se evidenciou a utilização da arte na educação, principalmente quando se pensa no ensino superior. A pesquisa também serviu como base para produção de um fanzine que trouxe um compilado de sugestões de atividades artísticas possíveis para auxiliar no processo de ensino nas universidades.

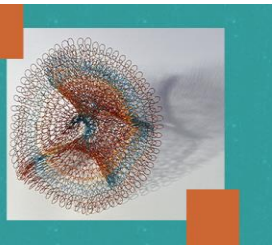
Palavras-chaves: Arte. Universidade. Educação.

Abstract: This paper relies on the idea that Art can be used in developing the autonomy and critical sense of university students. This is a bibliographical research articulating educators such as: Paulo Freire, Susan O'Neill and Augusto Boal with the context of art in university education. The data analysis evidenced little use of art in education, especially in higher education. The research also served as the basis for the production of a fanzine that brought a compilation of suggestions for possible artistic activities to assist the teaching process at universities.

Keywords: Art. University. Education.

Compreendendo a relação possível entre educação e arte

Atualmente há uma constante busca e exigência por conhecimento, mas o que se entende por conhecimento? Jorge Larrosa (2021) já sinaliza a constante confusão de se associar o termo *sociedade da informação* como sendo o mesmo de *sociedade do conhecimento*. A informação são os dados tais como nos chegam, ou a uma caracterização sobre algo. Conhecimento se refere a como se tem acesso a esses dados. Nessa ideia é possível perceber que o conhecimento não pode ser compreendido por um



viés passivo. Paulo Freire (2020, p.47) vai defender que o conhecimento não está pronto, ele é produzido, "criado a partir de uma reflexão crítica e ativa dos estudantes. Assim, caberia aos professores o papel de criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".

No entanto, precisamos ressaltar que essa *sociedade da informação* existe e segue sendo alimentada através do sistema neoliberal em que vivemos, e que pressupõe um individualismo, uma busca por produtividade e competitividade. Neste contexto, há uma forte pressão para que a educação propague informação ao invés de conhecimento.

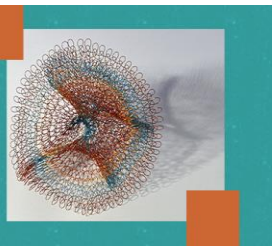
Na educação, a artimanha de implantação dos princípios neoliberais, funciona desta forma: desarticula-se o educando do mundo no qual ele está inserido, dificultando assim que o conhecimento mediado pelos educadores contribua para compreensão desse mundo. Rouba-se a historicidade e a ética universal do ser humano substituindo-a pela ética do mercado (Freire, 2020).

Há uma necessidade em se estreitar relações entre o conhecimento e a *experiência social* dos estudantes como indivíduos. Jorge Larrosa (2021, p.5) propõe uma educação que, além de crítica, deve voltar-se à experiência, por esta *dá sentido à educação*.

> A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos (p.16).

No Brasil, ainda é possível reconhecer essa priorização do par ciência/técnica estruturada nos currículos escolares através de suas disciplinas e cursos obrigatórios. Freire e Shor (2021) reforçam que o ensino tradicional se limita basicamente a ser conteudista, destinando-se apenas a uma *transferência do saber*, de informações sem posicionamento crítico. A educadora canadense Susan O'Neil (2012, p.179, tradução nossa) alerta que

> o currículo deve ser um meio e não um fim. Se o objetivo é engajar determinados alunos em atividades produtivas que são pessoal e socialmente significativas, o ensino não pode tomar como objetivo final "cumprir" o currículo.



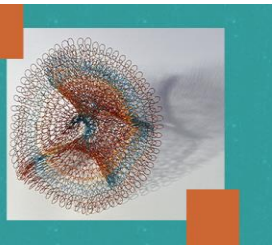
É importante este parêntese sobre currículos escolares, por estes serem o projeto que guia o ensino nas escolas e universidades. Se ele continuar a seguir como um limitador das experiências estudantis, voltando-se apenas a repasses de informações e tolhendo a promoção de espaços de criação de conhecimento, qualquer ensino voltado à experiência que promova a autonomia e o senso crítico dos estudantes enfrentará obstáculos profundos. Freire (2020, p.27) pontua que embora ainda subordinado a essa prática *bancária* presente no ensino ou nos currículos, "o educando mantenha vivo em si gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o *imuniza* contra o poder apassivador do *bancarismo*".

As universidades, reconhecidas enquanto campo de produção de conhecimento, seguem também ignorando as vivências, experiências e reflexões pessoais dos estudantes (Amorim e Castanho, 2008). Entendemos que essa postura das Instituições de Ensino Superior se associa, dentre outros fatores, com a não valorização da arte e suas potencialidades educacionais. Isto promove um desestímulo a "qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação, regredindo-os a níveis toscos e grosseiros" (Duarte Jr., 2004, p.15).

Ao reconhecer estas instituições como locais de produção do conhecimento, supõe-se que os sujeitos que as integram, principalmente docentes e discentes, deveriam estar diretamente implicados nessa produção. Freire e Shor (2021) analisam e apontam os papéis que cabem a estes *produtores*:

> Os estudantes são excluídos da busca da atividade do rigor, as respostas lhes são dadas para que as memorizem. O conhecimento lhes é dado como um cadáver de informação - um corpo morto de conhecimento -, e não como uma conexão viva com a realidade deles (p.18).

O que deveria ocorrer era caber aos ditos *produtores* serem protagonistas em seus processos de aprendizagens e produção de saber. No entanto, resta a eles, na maioria das vezes, apenas interpretar, fazer releituras e, principalmente, reproduzir o que já está posto.



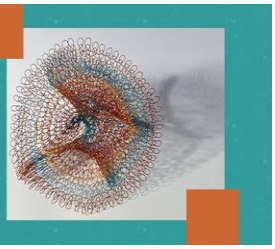
Esperamos que estes sujeitos sejam mais do que apenas receptáculos de informações produzidas por outros que nem sempre se adequam à sua realidade pessoal, e que estes possam reconhecer suas singularidades e, a partir delas, desenvolver suas próprias opiniões, reflexões e conclusões acerca de seu entorno. De acordo com O'Neill (2012), devemos olhar mais diretamente para as experiências dos estudantes, fazer de suas narrativas fonte de conhecimentos, e dar importância às suas interações sociais. Podemos complementar esta predisposição através da noção freireana de que descrever essas experiências singulares dos estudantes, proporciona pensar a aprendizagem a partir de realidades concretas e, então, chegar a uma "compreensão rigorosa da realidade" (Freire e Shor, 2021, p.63).

Apesar de nos referirmos, em vários momentos deste artigo à arte, é necessário ressaltar que não se trata de uma arte (no singular), mas sim das múltiplas linguagens artísticas e das diversas maneiras de trabalhar a criatividade, de acessar e mesmo de reinventar a realidade, a exemplo: artes plásticas, estilos musicais, literatura/escritas, dança, teatro, cinema, cultura.

Nesta conjuntura, metodologias mais ligadas à arte podem funcionar como estratégias a fim de revelar e acessar experiências, ampliando o olhar diante das possíveis ecologias da aprendizagem em que se insere o estudante universitário, na medida em que mostra o "escondido, não o óbvio, e nos faz entender através dos sentidos - torna consciente o que estava impregnado" (Boal, 2009, p.57).

A arte pode vir a ser um meio para se estar nas situações de forma consciente ou não. Botton e Armstrong (2014) enumeram várias possibilidades a partir da arte: se afirmar, ressignificar, rememorar. E isso acontece devido à capacidade humana de criar e de reinventar a realidade a partir de sua perspectiva individual, e a partir de demandas das relações entre os sujeitos.

Considerando essas potencialidades da arte no contexto educacional, sua existência e experimentação poderiam ampliar os meios de reinvenção e desenvolvimento dos discentes apesar, e a partir, de suas experiências. Gondim e Fernandes (2011, p.506) ressaltam a arte como caminho possível para "despertar interesse dos alunos a aprenderem conhecimentos socialmente mais valorizados".



Duarte Jr. (2004, p.23) denuncia que “uma educação que apenas pretenda transmitir significados que estão distantes da vida concreta dos educandos não produz aprendizagem alguma”. E, muito menos, os ajudam a buscar formas criativas de lidar com as problemáticas do cotidiano. Como conclui Larrosa (2021, p.12), é “verdade que pensar a educação a partir da experiência a converte em algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou uma prática”. Logo, a arte pode ser apontada como caminho de uma educação mais contextualizada com a realidade concreta.

Precisamos ressaltar que a ciência é associada facilmente como produtora de *conhecimento*, enquanto à arte caberia o lugar da *admiração*, no entanto a arte também produz conhecimento, além de poder

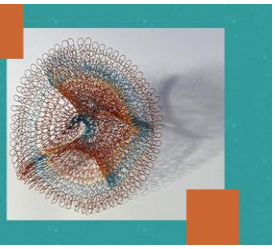
> consistir num precioso instrumento para a educação sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida (Duarte Jr., 2004, p.20).

Considerando a discussão precedente que evidencia a importância de uma educação de nível superior mais crítica e autônoma e reconhece o possível papel da arte para essa finalidade, neste artigo propomos evidenciar o contexto da arte na educação universitária. Para tal, realizamos um levantamento e organização dos artigos presentes em bases de dados sobre a tríade educação-arte-universidade.

Como aconteceu essa investigação?

Com a intenção de conhecer mais sobre como a arte é vista e reconhecida enquanto estratégia de aprendizagem nas universidades buscamos por publicações sobre o tema, seguindo os seguintes passos: a) delimitação das bases de dados pesquisadas; b) escolha das palavras-chaves; c) realização da pesquisa; d) leitura dos resumos dos artigos encontrados; e) categorização dos artigos levando em contas os temas buscados; f) leitura completa dos artigos que preencheram os pré-requisitos g) avaliação e análise dos artigos encontrados.

Ressaltamos que, nesta busca, foram consideradas apenas as produções que, além de pensar a arte, educação e universidade, tomasse esta última como *lócus* da



pesquisa, isto é, que a mesma tenha se voltado para a própria universidade. Estendendo também, a busca por publicações a partir dos anos 2000.

Posteriormente, buscamos discutir sobre uma compreensão de educação mais comprometida com a realidade do estudante.

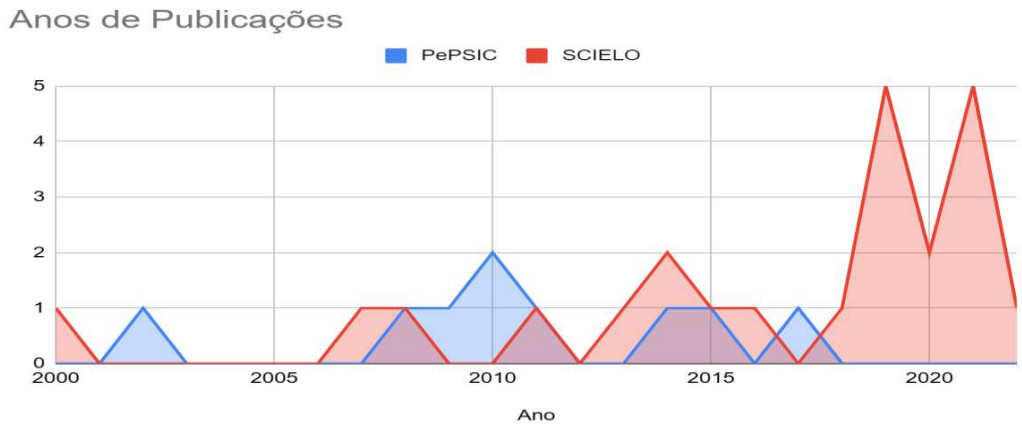
Por fim, como um desdobramento técnico desta pesquisa, produzimos um fanzine composto por um compilado de sugestões de atividades artísticas possíveis para auxiliar no processo de ensino nas universidades.

Refletindo sobre as produções

No período de setembro/2021 a fevereiro/2023, foram realizadas buscas nas bases de dados: PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), utilizando as palavras-chaves "educação", "arte" e “universidade”, sem restringir o campo de procura aos anos de publicação ou idiomas.

No processo de busca foram encontrados ao todo 104 artigos: 62 na base da Scielo e 42 na PePSIC. Foram desconsiderados da pesquisa 11 resultados por terem se repetido, restando um total de 93. Posteriormente, com a leitura dos mesmos, observamos que apenas **31** artigos realmente abordaram os três temas delimitados (educação, arte e universidade) em seu corpo textual.

Banco de Dados	**TOTAL**	Educação	Arte	Universidade	Educação, Arte	Educação, Universidade	Arte, Universidade	**Educação, Arte e Universidade**
PePSIC	40	24	23	17	11	10	17	8
SCIELO	53	44	24	41	24	38	23	23



Na **tabela 1** acima é possível compreender as divisões dos artigos encontrados de acordo com os temas pesquisados. Constatamos sobre a arte (PePSIC: 23 e SCIELO:24) que a quantidade de pesquisas que aparecem em ambas as plataformas é muito próxima, cenário que não se repete ao considerar a educação (PePSIC: 16 e SCIELO:44) e a universidade (PePSIC: 17 e SCIELO:41). O que nos leva a supor que a diferença em relação ao campo da educação possa se relacionar com a própria configuração das bases de dados, sendo a PePSIC mais voltada a produções ligadas à psicologia, enquanto a SCIELO seria mais abrangente. Contudo, a diferença em relação às produções voltadas à Universidade nos deixa intrigados. Olha-se mais para a comunidade como um todo, ou trata-se de uma carência em voltar-se ao campo universitário? Entendemos que olhar para a universidade, esse lugar privilegiado para produção do saber, é também olhar para como esse saber é construído e ao que serve.

Apesar de ter sido solicitado na pesquisa que os artigos buscados abordassem os três temas em questão, é possível perceber no quadro acima que o resultado inicial de 93 publicações destoou dos temas efetivamente abordados nos mesmos, que foram 31, muito provavelmente devido à abrangência da pesquisa dos termos nos artigos.

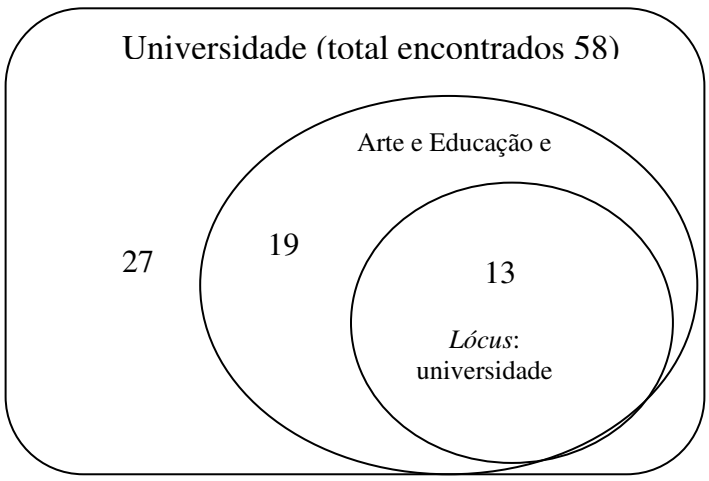
Como representado acima no **gráfico 1** (Anos das Publicações) é possível perceber, levando em conta os anos das 31 publicações encontradas que todas ocorreram a partir do ano de 2000. Considerando as duas bases de dados: na primeira década (2000-2009) foram encontradas 6 publicações; na década seguinte (2010 - 2019), as produções triplicaram, foram 18 artigos publicados; nos três anos seguintes (2020 -

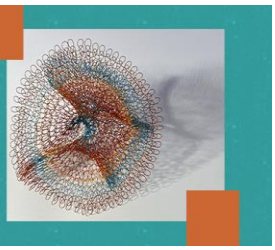
2022) foram 8 artigos encontrados, indicando uma possível continuação no crescimento de números de publicações.

Destaca-se que durante 22 anos há apenas 31 publicações encontradas em duas bases de dados importantes como estas levando em conta os temas considerados aqui (arte, educação, universidade). Em média, são menos de duas publicações por ano (1,4). O que nos leva a refletir se há de fato uma ausência das publicações por dificuldade para publicar, ou ainda, se há realmente pouca pesquisa ocorrendo. A segunda hipótese indicaria um possível ponto de desinteresse para refletir sobre educação/arte/universidade, todavia confirmá-la ou negá-la exige uma pesquisa específica que foge ao escopo do levantamento aqui realizado.

Ao considerarmos a **universidade** como *lócus* de pesquisa, ocorre um rebaixamento ainda maior quanto à frequência de estudos e intervenções que efetivamente se voltam para uma atuação na universidade e o público universitário. Há uma redução de 1,4 publicações anuais para 0,59 publicações anuais. Em geral, parece caber à universidade apenas o papel de produtora de intervenções e pesquisas fora de seus muros.

Para melhor esclarecer esse ponto, dos 31 artigos que abordam os três temas buscados apenas apresentaram a universidade realmente como *lócus* de pesquisa 13 publicações. Ao observar a **figura 1** abaixo, notamos: há 58 artigos (17 da PePSIC e 41 da SCIELO) que mencionam a universidade no texto de qualquer forma, relacionada ou não com a arte e educação. Quando aplicados os filtros dos três temas (arte, educação e





universidade) em questão, o número cai para 31, e reduz para 13, quando se busca a universidade como lócus de pesquisa.

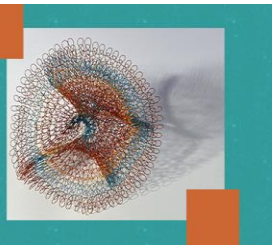
Dos 13 artigos encontrados que articulam arte e educação voltados à universidade, podemos dividir em 2 grupos: os 9 primeiros artigos descritos trouxeram experiências artísticas na universidade, os outros quatro foram estudos e levantamentos sobre arte e criatividade no ensino superior.

Sobre os artigos encontrados, descreveremos um pouco dos mesmos que trouxeram o diálogo entre a arte-educação-universidade, ressaltando os objetivos dos mesmos, e se possível as linguagens artísticas utilizadas.

1. O artigo: **"Colcha", experiência estética e narrativa autobiográfica: futuros professores e a arte de ouvir**[1], de Berkenbrock-Rosito (2021), tem como público-alvo alunos do 1º ano do curso de Formação de Professores. A "colcha" foi uma produção feita através da escrita, imagem e narrativas orais.
2. O artigo intitulado: **ProCura - a arte da vida: um projeto pela humanização na saúde",** de Rosevics, Aguiar e Borges (2014) ocorreu no curso de medicina da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foram desenvolvidas três frentes de atuação no projeto: Cineclube, Clown e Contação de Histórias.
3. O artigo **Antibiótico e Arte: uma proposta inovadora em Educação Médica** de Távora et al (2020), trata-se de um Teste de Sensibilidade artística aos Antimicrobianos (TSaA) que seria um incentivo aos alunos "a utilizar a arte como ferramenta de comunicação para mostrar os seus conhecimentos sobre esses antimicrobianos" (p.2). O estudo aponta que os recursos artísticos mais recorrentes entre os discentes foram a música e a encenação.
4. O artigo intitulado: **Trabalhando educação popular em saúde com a arte construída no cotidiano da enfermagem: um relato de experiência,** de Trezza, Santos e Santos (2007) é um

> relato de experiência sobre a realização do I Festival Enfermagem na Arte de Educar em Saúde pela Escola de Enfermagem e Farmácia da Universidade Federal de Alagoas, no qual se apresentaram criações artísticas, nascidas no

[1] "Quilt", aesthetic experience and autobiographical narrative: future teachers and the art of listening.



> cotidiano da Enfermagem, como instrumento para desenvolver processos de educação em saúde (p.326).
> [...] Ao final do período de inscrições, havia 77 obras assim distribuídas: 11 peças de teatro, 04 danças, 21 músicas/paródias, 06 poesias e 05 contos/histórias. 30 cordéis foram inscritos, mas não foram apresentados no Festival, por decisão da autora, somando 77 produções totais.

5. O artigo **Deslizamentos entre a arte e a clínica na formação em Terapia Ocupacional**, de Inforsato *et al*. relata a experimentação do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo (USP), que consistia na disposição de "materiais e procedimentos do campo das artes para fomentar exercícios expressivos que ganham forma em palavras, imagens instalações, audiovisuais, músicas, gestos, composições, pausas e fluxos" (p.3).
6. Vânia Vieira (2002) no artigo: **Portfólio: uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem** apresenta um estudo sobre a possibilidade do Portfólio como ferramenta de avaliação e de aprendizagem. Hernández (2000 *apud* Vieira, 2002, p.151) descreve os passos para portfólio como os seguintes:

> o estabelecimento do objetivo do portfólio por parte do docente; o estabelecimento das finalidades de aprendizagem por parte de cada estudante; a integração das evidências e experiências de aprendizagem; a seleção das fontes que comporão o portfólio e a reflexão do estudante acerca de seu próprio desenvolvimento.

7. Finocchiaro e Imbrizi (2017) relatam as experiências com o Laboratório de Sensibilidades, no artigo: **Oficinas de arte e a formação em saúde: uma experiência no laboratório de sensibilidades da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).** Tratava-se de uma sala diferente na universidade que permitisse

> muitas formas de expressão do sujeito [...] se manifestar por meio dos materiais que ficam disponíveis, tais como livros, tintas, papéis, CDs, DVDs e uma parede-lousa, além de proporcionar outros encontros, como exposições, oficinas e debates, incluindo até algumas apresentações de trabalho de conclusão de curso.

8. Como o artigo anterior, no **Laboratório Sensorial: uma proposta de ativação do corpo,** Mônica Alvim *et al* propõem um ensaio poético-fotográfico vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

> Os participantes são convidados a vendar os olhos e a serem conduzidos por um percurso de estimulações sensoriais no qual experimentam texturas, odores e sonoridades em temporalidades distintas das do cotidiano. Em seguida, registram suas experiências em mapas corporais.

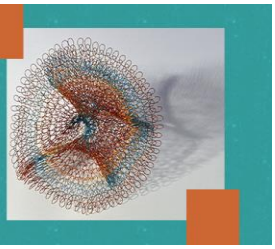
9. No artigo **Diário dos Diários: o cotidiano da escrita sensível na formação compartilhada em saúde,** de Marina Guzzo et al (2019) se propõe a utilização de diários de campos como ferramenta para elaborar as experiências desenvolvidas em trabalho de campo de estudantes de psicologia e terapia ocupacional da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp-BS).

> A partir do método cartográfico e uma escrita a muitas mãos, o relato mistura reflexões teóricas e trechos de diários, criando um mapa de afetos sobre a experiência vivida, dando visibilidade a pontos de intensidades que se desdobram em reflexões para as áreas da saúde, artes e educação (p.1).

10. Gondim e Fernandes (2011) apresentaram os resultados de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba no artigo **Interrogações sobre políticas de formação e ensino de arte nos currículos dos cursos de pedagogia.**

> Foram analisadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia de 2006, os projetos político-pedagógicos desses cursos nas universidades públicas da Paraíba e as ementas das disciplinas relacionadas ao ensino de arte desses projetos.

11. **Por uma educação na formação universitária de docentes,** de Amorim e Castanho (2008) teve como objetivo discutir sobre uma formação universitária a partir de uma proposta de educação estética, por entender que essa experiência pode "promover rearranjos subjetivos no universitário, instigando-o a pensar-se e a formar-se sujeito (e dono de sua própria prática), em vez de consumista de modos-de-ser pré-construídos" (p. 168).
12. Em **Genealogía del pensamiento creativo y su necesidad en la realidad universitaria, de** Tarazona e Sanchez (2022) há uma revisão sobre a



criatividade analisada em contexto universitário, seja através da arte ou da brincadeira, levando em conta a realidade educacional do momento.

13. Martinez Puente (2021) em **La inducción al trabajo interdisciplinario a partir de la imagen en el arte y la literatura como herramienta para propiciar la problematización de la transdisciplinariedad** teve intenção de refletir sobre os problemas da educação superior e a proposta de uma transdisciplinarização nesse contexto.

A partir dos achados, a universidade parece se destacar como local de produção técnica, de pesquisa e extensão. Poucas foram as pesquisas que se voltaram à reflexão e problematização sobre o ensino das universidades. Nesse cenário, questionamos: Será o ensino na universidade marcado por uma forma apenas técnica de produzir, pesquisar e fazer extensão?

A arte e a educação como meios de promoção de autonomia e criticidade

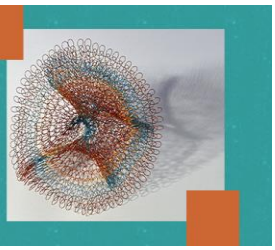
Para além dos dados expressos no tópico anterior, percebemos que é possível estabelecer um diálogo direto com perspectivas defendidas por nossos autores de referência e os artigos encontrados.

Claro, reconhecemos que apesar de articular os mesmos autores sobre uma lente convergente de educação mais contextualizada e crítica, é necessário ressaltar que os mesmos não necessariamente concordam no todo de suas proposições, bem como advém de contextos diferentes sejam:

a) temporais: temos dois grupos de contemporâneos - Freire e Boal e, O'Neill, Larrosa e Duarte Jr;

b) espaciais: Freire, Boal e Duarte Jr. são brasileiros, enquanto O'Neill é canadense e Larrosa, espanhol;

c) epistemológicos: Freire e Boal, propõem a uma inclusão social, ampliação de consciência e criticidade apesar de destinarem-se a objetos diferentes - Boal, teatro e Freire, educação; enquanto Duarte Jr. tem em sua proposta leituras e compreensões freirianas, e parece convergir o pensamento sobre a arte já voltada a educação básica e superior; Larrosa leitor de Freire propõe uma nova educação mais voltada à experiência,



muitas vezes se referindo à pedagogia de seu antecessor como limitada (Larrosa, 2021); ainda há O'Neill (2012), também leitora de Freire, no entanto não há evidências que a mesma conhece os outros autores aqui citados.

Assim, intencionamos agora apresentar brevemente alguns destes pontos convergentes, ao passo que eles reforçam nossa tese central de que a arte pode trazer grandes benefícios para a educação superior.

Uma dentre as tantas contribuições de Paulo Freire é defender a participação crítica dos alunos em sua própria educação. O desenvolvimento da criticidade proporciona a disciplina intelectual necessária à transformação social (Freire e Shor, 2021; Boal, 2009).

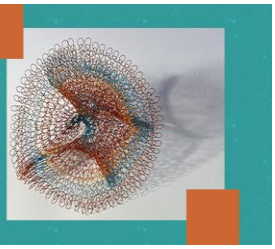
Ter senso crítico diante da aprendizagem é ir em busca de um rigor metódico desse conhecimento, afastando-se de uma ingenuidade repetitiva ou irracional. Essa seria, para Freire (2020, p.28), uma condição necessária para transformar os alunos "em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo". Por meio do senso crítico podemos diminuir a alienação dos estudantes, apontada por Freire e Shor (2021) como o maior problema do aprendizado nas escolas.

Nesta lógica, desenvolver e normalizar um pensamento crítico nessa dita *sociedade da informação* representa um grande desafio. Aqui entra o importante papel do professor como um facilitador nesse caminho, tomando cuidado para agir apenas assim, como *fonte primária de aprendizagem* (O'Neill, 2012; Freire, 2020). Facilitando aos estudantes que assumam seu papel diante de sua própria aprendizagem e da sociedade.

Os currículos universitários tradicionais, como já mencionado, são orientados

> por uma prática pedagógica centrada no professor e na aquisição de conhecimentos desvinculados da realidade. Como consequência, esse tipo de formação não prepara os profissionais para trabalhar as dimensões subjetivas, sociais e culturais envolvidas no processo de adoecimento e tratamento dos indivíduos. [...] Logo, a aprendizagem nesse contexto precisa superar as concepções tradicionais, ser entendida como um processo construtivo, desenvolver um ensino inovador, privilegiando, entre outras características, metodologias que possibilitam interações produtivas e uma apropriação crítico-reflexiva (Palácio, Gonçalves e Struchiner, 2019, p.331).

É importante reconhecer o quanto as influências sociais permeiam todos os



aspectos de quem somos e tudo o que fazemos, agir de forma autêntica sofrendo tantas influências, muitas vezes pode ser uma tarefa difícil. Por isso é necessário buscar formas criativas de postar-se diante da realidade. Quando compelidos a se envolverem ou mesmo tomarem para si a responsabilidade diante seu próprio aprendizado, os estudantes "são demandados a criar, expressar ou apresentar suas próprias representações acerca de um tema, evento ou fenômeno particular" (O'Neill, 2012, p. 21). Essa compreensão dialoga com a metodologia de Paulo Freire (2020) que foca na promoção de experiências que estimulem a responsabilidade e a tomada de decisões, além de respeitar o processo de amadurecimento de cada sujeito, que pretende uma ampliação de consciência e de engajamento com a sociedade.

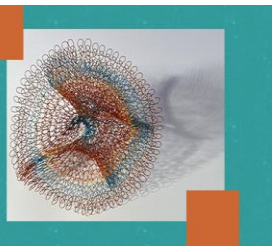
O'Neill (2012, p.21) reforça que a aprendizagem se inicia a partir do conhecimento do próprio aluno. Defendendo assim, a necessidade de oportunizar uma *aprendizagem expansiva* que permita aos alunos interagirem com suas próprias ecologias artísticas e culturais de modo a ajudá-los a fazer conexões significativas. A educadora segue afirmando a importância dos alunos compartilharem suas representações criativas com os outros e se envolverem no processo de diálogo. A transformação dos aprendizes decorre de seu envolvimento em atividades que lhes tragam significado e propósito.

Tanto para Freire e Shor (2021) quanto para O'Neill (2012, p.21), a aprendizagem deve ser compreendida bem mais do que apenas a aquisição de habilidades ou informações isoladas; deve envolver a pessoa inteira e contribuir para a formação de sua identidade.

> Nós também encontraremos o que não buscamos se nos dedicarmos a ver o que olhamos, ouvir o que escutamos, sentir o que tocamos, escrever o que pensamos, pensar o que sentimos, pintar o que queremos, cantar descobrindo a nossa voz. Somos Picassos, cada um na sua medida e ao seu tempo - modestamente (Boal, 2009, p.116).

Nesse contexto, aparece como importante e atual considerar que a formação universitária deve se voltar a uma educação dos sentidos, avançando assim a percepção diante do seu entorno (Amorim e Castanho, 2008; Zamboni, 2012).

> A Educação dos sentidos interliga autoconhecimento, arte e sensibilidade, que consideramos como uma triangulação necessária em processos formativos que estão em linha com uma Educação comprometida com a autonomia e



> emancipação do sujeito. A formação inicial de professores não passa de estética? Acreditamos que todas as experiências têm caráter político, ideológico, ético, moral, estético e de poder (Berkenbrock-Rosito *et al*, 2021, p.1025, tradução nossa).

A arte (Amorim e Castanho, 2008; Boal, 2009), bem como o diálogo (Freire e Shor, 2021; Palácio, Gonçalves e Struchiner, 2019; Rosevics, Aguiar e Borges, 2014; Trezza, Santos e Santos, 2007; Távora *et al*, 2020) e a perspectiva mais ecológica da aprendizagem dos estudantes (Alvim *et al*, 2019; Berkenbrock-Rosito, 2021; Finocchiaro e Imbrizi, 2017; Guzzo *et al*, 2019; Inforsato *et al*, 2021; O'Neill, 2012; Vieira, 2008) devem aparecer como estratégias facilitadoras para

> uma conscientização do sujeito diante de sua realidade. Que ele não apenas receba todos os estímulos prontos, mas que possa criar, e por consequência transformar. Sem essa capacidade a dominação ocorre, o sujeito sem compreensão de si e do processo de transformação, é um sujeito suscetível a uma alienação sobre si, e do mundo que lhe rodeia (Boal, 2009, p. 15).

Conclusão

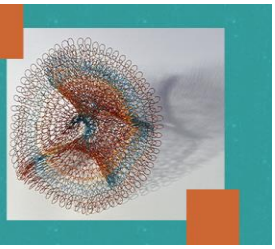
A proposta com este artigo foi refletir e trazer luz para que se olhe a educação universitária em sua totalidade, e para isso, a arte pode e deve ser pensada como potencializadora para uma ampliação de consciência do estudante.

Mesmo tendo vinculação com a universidade, várias publicações encontradas se voltam a uma reflexão e aperfeiçoamento da educação básica, havendo ainda muito espaço para estudos mais focados na arte como estratégia de ensino-aprendizagem da educação superior. Não propomos aqui, e nem nos artigos pesquisados, olhar para a arte apenas como parte de um currículo. Propõe-se que ela seja vista como

> provocadora de sentimentos, na medida em que age sobre os sentidos humanos, e, dessa maneira, portanto, seria educadora. Porque possibilitaria ao sujeito conhecer as nuances das coisas cotidianas, por meio de seu próprio corpo, encarnando a experiência, incorporando os sentidos, fazendo da vida algo contextual, parte de si (Amorim e Castanho, 2008, p.180).

A arte deve estar transversal a todo processo de aprendizagem nas universidades, seja como disciplinas, como ferramentas de aprendizagens, de avaliação, em projetos de extensão. Ela é capaz de promover uma ampliação do processo formativo para uma educação integral, consciente, crítica e autônoma.

Apesar de se evidenciar o potencial da arte na educação, a produção acadêmica que correlaciona arte, educação e ensino superior ainda é pequena, se considerarmos a



vastidão do ensino universitário. Houve um aumento significativo a partir do ano de 2019, mas ainda há muito o que ser reconhecido. É necessário estimular uma educação de forma mais holística e sensível e promover uma universidade mais autônoma, crítica e consciente.

Como meio de contribuir para essa expansão da arte nas universidades, compilamos as atividades encontradas nas produções levantadas com esta pesquisa e dados advindos de conversas/oficinas com estudantes e professores do ensino superior em um fanzine (https://heyzine.com/flip-book/ba01ab60ac.html).

O objetivo maior do material é reconhecer, na universidade, os espaços - ou, se for o caso, instigar a criação deles - para experienciar, partindo da arte, um ensino-aprendizagem mais compromissado com a autonomia, criticidade e realidade dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento acadêmico.

Referências:

ALVIM, M. B. *et al.* Laboratório Sensorial: uma proposta de ativação do corpo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]*, 2019; v.23. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180367> Acesso em 28 de janeiro de 2023.

AMORIM, V. M. DE.; CASTANHO, M. E. Por uma educação na formação universitária de docentes. *Educação & Sociedade, v. 29, n. Educ. Soc., 2008.* Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000400011>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

BERKENBROC - ROSITO, M. M. SOUZA, J. P. P.; SOUZA, S. B. “Quilt”, aesthetic experience and autobiographical narrative: future teachers and the art of listening. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online].* 2021, v. 29, n. 113. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-403620210002902907>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

BOAL, A. *A Estética do Oprimido.* Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOTTON, A. de; ARMSTRONG, J. *Arte como terapia.* Trad. de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

DUARTE JR., J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.* 3º ed. São Paulo, Editora Criar, 2004.

FINOCCHIARO, L.; IMBRIZI, J. M. Oficinas de arte e a formação em saúde: uma experiência no laboratório de sensibilidades da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - Baixada Santista. *Psicol. rev.*, Belo Horizonte , v. 23, n. 1, p. 274-291, 2017 .

Disponível em <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p274-291>. Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e ousadia:* o cotidiano do professor; tradução Adriana Lopes; revisão técnica Lólio Lourenço de Oliveira. 4. Ed. São Paulo: Paz e terra, 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GONDIM, J. P.; FERNANDES, Â. M. D.. Interrogações sobre políticas de formação e ensino de arte nos currículos dos cursos de pedagogia. *Educação e Pesquisa*, v. 37, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000300004>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

GUZZO, M. *et al*. Diário dos Diários: o cotidiano da escrita sensível na formação compartilhada em saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.170705>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

INFORSATO, E. A. *et al.* Deslizamentos entre a arte e a clínica na formação em Terapia Ocupacional. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]*, v. 25, 2021, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.190713> Acesso em 28 Janeiro de 2023

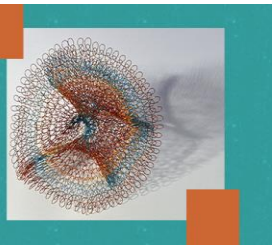
LARROSA, J. *Tremores*: escritos sobre experiência. (Coleção: Experiência e Sentido). Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MARTINEZ PUENTE, L. Y. La inducción al trabajo interdisciplinario a partir de la imagen en el arte y la literatura como herramienta para propiciar la problematización de la transdisciplinariedad. *RIDE. Rev. Iberoam. Investig. Desarro. Educ*, Guadalajara, v. 11, n. 22, e058, jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.23913/ride.v11i22.925>. Acesso em 31 agosto 2023.

O'NEILL, S. A. Becoming a music learner: Toward A Theory of Transformative Music Engagement. (p. 163 – 186). In: MCPHERSON, G.E. & WELCH, G.F. (Ed.).94 *The Oxford Handbook of music education.* Vol. I. Oxford: Oxford University Press, 2012.

ROSEVICS, L.; AGUIAR, D. A.; BORGES, C. R. ProCura - a arte da vida: um projeto pela humanização na saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica,* v. 38, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022014000400010>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

TARAZONA, J. V. R.; SANCHEZ, A. E. R. Genealogía del pensamiento creativo y su necesidad en la realidad universitaria. *Sophia*, Armênia, 2022, v. 15, n. 2, p. 79-97, Disponível em: <https://doi.org/10.18634/sophiaj.15v.2i.946>. Acesso em 26 janeiro de 2023.



TÁVORA, L. G. F. Antibiótico e Arte: uma Proposta Inovadora em Educação Médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 44, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.1-20190191>. Acesso em: 28 de janeiro de 2023.

TREZZA, M. C. S. F.; SANTOS, R. M. dos; SANTOS, J. M. dos. Trabalhando educação popular em saúde com a arte construída no cotidiano da enfermagem: um relato de experiência. *Texto & Contexto - Enfermagem [online].* 2007, v. 16, n. 2, pp. 326-334. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072007000200017>. Acesso 28 janeiro 2023.

VIEIRA, V. M. de O. Portfólio: uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional [online]*, 2002, v. 6, pp. 149-153. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000200005>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

Lucia Nayara Frota Menezes
Psicóloga (CRP 11/10518). Mestre em Psicologia e Políticas Públicas, ênfase em Educação (UFC/Sobral). Gestalt-terapeuta com experiência clínica a 8 anos, com Adultos e Casais a partir da linha da Gestalt-Terapia. Supervisora clínica. Especialista em Gestão Estratégica de Pessoa (Estácio de Sá), tendo atuado na área organizacional (recrutamento, seleção, avaliação e treinamento). Docente do curso de Psicologia da Faculdade Ibiapaba (FACIBI)
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-0273-2186
E-mail: psilucianayara@gmail.com

Rita Helena Sousa Ferreira Gomes
Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2000) , Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003), desfrutou de bolsa PDEE na Université du Quebec à Montréal durante o ano de 2005 e concluiu o Doutorado em Filosofia na UFMG (2007). É professora da UFC/Sobral desde 2007, sendo responsável pelo setor de estudos Filosofia Geral. Faz parte do quadro docente do Mestrado Profissional em Artes (UFC) e do Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas (UFC). Ministra diversas disciplinas vinculadas à filosofia nos cursos de graduação em Psicologia, Música, Engenharia Elétrica e Engenharia da Computação, além de colaborar com o curso de licenciatura indígena da UFC (KUABA). Coordena dois projetos de extensão nos quais filosofia e arte são associadas em vistas do desenvolvimento da sensibilidade e da criticidade dos beneficiados. Suas pesquisas atuais situam-se nas interfaces entre filosofia, educação e arte. Por sua aproximação com esses temas foi aceita como Professora Visitante da Simon Fraser University (SFU) em Vancouver/Canadá pelo período de agosto de 2014 à agosto de 2015. Coordenou a pesquisa binacional (Brasil-Canadá) e compôs a equipe de outras investigações em

parceria com pesquisadores canadenses de diferentes províncias. É membra dos grupos de pesquisa: PESQUISAMUS (Brasil) e faz parte do núcleo de sustentação do GT Hobbes da ANPOF. Atualmente, é vice-diretora da UFC/Campus Sobral (outubro 2023 a outubro de 2027).
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2306-4264
E-mail: ritahelenagomes@ufc.br

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 29 de janeiro de 2024
Aceito em 02 de maio de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/